



# IN TEMPORE SUEBORUM

EL TIEMPO DE LOS SUEVOS  
EN LA GALLAECIA (411-585)

EL PRIMER REINO MEDIEVAL DE OCCIDENTE

VOLUMEN DE ESTUDIOS

DEPUTACIÓN PROVINCIAL DE OURENSE  
PRESIDENTE: José Manuel Baltar Blanco

© DE LA EDICIÓN: Deputación Provincial de Ourense, 2018  
© DE LOS TEXTOS: sus autores  
© DE LAS ILUSTRACIONES: sus autores

COORDINADOR DE LA PUBLICACIÓN: Jorge López Quiroga

PRODUCCIÓN EDITORIAL: Armonía Universal – Ourense  
DISEÑO GRÁFICO, MAQUETA Y PORTADA: B l a u – Ourense  
IMPRESIÓN: Imprenta Mundo – A Coruña

ISBN: 978-84-16643-18-9  
DEPÓSITO LEGAL: OU 400-2018

[Obra incluida en el plan de publicaciones de la Diputación de Ourense 2017]

# O Castro de Monte Mozinho (Penafiel, Porto) e o seu aro em época tardo-romana e tardo-antiga

TERESA SOEIRO (FACULDADE DE LETRAS, CITCEM UNIVERSIDADE DO PORTO)

O Castro de Monte Mozinho, no extremo sul da *Gallaecia*, fica no centro do actual Município de Penafiel. Dista, em linha recta, cerca de 30km do mar, 45km de *Bracara Augusta*, sede do *conventus*, e 7,5km da desembocadura do Tâmega no Douro (Entre-os-Rios). É um povoado fortificado e de altura (408m) que concentra bastante população, instalado em posição dominante sobre caminhos naturais.

A sua primeira ocupação bem documentada data da época de Augusto e é durante o período júlio-cláudio que se erguem as muralhas, criam as plataformas estruturadas preenchidas pelas habitações com os seus anexos e delinham os espaços de circulação. Apesar da área escavada corresponder apenas a perto de 10% dos 20 hectares de superfície estimada, há testemunho arqueológico confirmado da existência de casas de modelo castrejo até junto da muralha exterior, revelando uma concentração de população autóctone (pela cultura material e idiossincrasia) a que não será alheia a política romana.

Desde que Carlos Alberto Ferreira de Almeida iniciou as escavações do sítio (1974) até à concretização do primeiro projecto de valorização (1998), o foco da investigação incidiu na coroa do castro. Esta área ficou delimitada pela primeira muralha, com porta fortificada voltada a NE, flanqueada por torreões assimétricos (sobrepujados pelas estátuas de guerreiro?). Cruza-a um amplo arruamento lajeado que une em linha recta a referida porta com a do recinto elíptico que marca o centro do povoado. Este recinto apresenta-se como um espaço sem construções no interior, certamente multifuncional e para uso público, rodeado por grossa parede, pouco alta, espessa na base mas logo reduzida para formar um ressalto/bancada voltado para o interior, ao qual também se acedia subindo uma escada dupla adossada ao exterior da parede, num ponto afastado da porta.

Toda a área em seu redor, até ao perímetro definido pela muralha I, foi densa e continuamente ocupada da época de Augusto ao séc. II, como bem documenta o variado espólio, objecto de diversas publicações. De época flávia, queremos salientar a requalificação empreendida em dois quarteirões que fazem face à via, nos quais são aniquiladas as *casas castrejas* para darem lugar a duas complexas *casas romanas*, com entrada directa e mesmo interferindo na utilização deste eixo de circulação principal.

A mesma conjuntura reformadora poderá enquadrar a construção, já no exterior da porta, de um monumento do qual conhecemos o embasamento quadrangular (300x260cm) terminado por molduras, vários outros elementos arquitectónicos e um conjunto de fragmentos de escultura em granito, de que sobressai um cavalo (de vulto) e várias cabeças humanas.

Os enterramentos desta época (faltam os das primeiras décadas) tinham lugar fora da muralha exterior, assim manda a lei, para N e NW, tratando-se sempre de incinerações acompanhadas de espólio, que também ele reflecte a boa capacidade de aquisição de bens, tanto de fabrico regional como vindos de centros hispânicos afastados e mesmo de outras áreas do império. Aliás, esta disponibilidade económica e cultural para adquirir produtos não de subsistência marca a população do Castro desde início, questionando-nos sobre as fontes de rendimento (a que poderia não ser estranho o trabalho no couto mineiro aurífero de Valongo) e a circulação de bens e de informação geradora de novos gostos.

Nesta breve digressão pelo Mozinho alto-imperial, precisamos agora de olhar para as alternativas de implantação no território decorrentes da diáspora que se faz sentir em meados do século I, cada vez mais intensa. À medida que no interior das muralhas deparamos com as remodelações profundas, fica-nos a sensação de que elas afectam núcleos limitados, baixando a densidade dos habitantes e a área contínua de construção. Em contrapartida, tivemos ocasião de realizar o estudo, por exemplo, da necrópole de Monteiras, onde há incinerações de meados do século I que pelo número de enterramentos atribuímos a uma aldeia aberta, instalada nas boas terras que marginam o rio Sousa. Na encosta do Tâmega, a escavação da Bouça do Ouro revelou dois edifícios (com colunas) isolados, erguidos no início do período flávio na fértil mancha agrícola. Nesta época estava definitivamente ultrapassada a anterior preferência pelo povoamento concentrado - castro (seja qual for a sua caracterização), dando lugar à disseminação segundo novos modelos de relação política com os recursos, mesmo que de início a população contasse ainda com a ergologia *castreja*, em breve ultrapassada.

No Castro de Monte Mozinho, a etapa que nos é menos conhecida corresponde sensivelmente à dinastia severa. Esta restrição tanto pode decorrer de uma efectiva redução da ocupação (a lavra mineira fora desactivada e a nova agricultura não se compaginava com estes altos), como da limitação da área escavada, se tiver ocorrido em outros sectores. Até ao momento, apenas podemos afirmar que na coroa do povoado, dentro da muralha I, não a encontramos. Mas também não vemos aí níveis posteriores, da segunda metade do séc. III e do IV, que surgem como reocupação pujante imediatamente ultrapassada a porta, estendendo-se pela vertente de relevo suave a norte, até à muralha exterior e necrópole.

Os trabalhos de escavação de 1943-54 incidiram na área diante da porta (então ainda oculta), pondo a descoberto estruturas construídas baixo-imperiais, que voltaram a ser intervencionados em 1974 e 1997-98, ficando claro que tinham sido erguidas anulando casas castrejas, que remontam à primeira metade do séc. I, e também o monumento romano imediatamente exterior à muralha. Os novos construtores mantiveram, porém, a antiga via lajeada e usaram-na como eixo estruturante, do qual partem arruamentos secundários e para onde se voltam algumas habitações e oficinas.

O edificado resultante daquelas primeiras escavações continua a colocar-nos problemas de leitura espacial e funcional, uma vez que se perdeu o registo estratigráfico até ao nível dos pisos e não dispomos de plantas completas. No entanto, deixa-nos entrever casas romanas de traçado complexo, por vezes possuindo pátios lajeados, formadas por múltiplos compartimentos quadrangulares a comunicar por portas de soleira e ombreiras bem talhadas, com pisos provavelmente de barro/saibro, hoje quase delididos pela exposição à intempérie, que tornou também irreconhecíveis os locais de lareira. Foram erguidas com blocos irregulares de granito aparelhado, colocados tendencialmente em fiadas horizontais, e argamassa. A cobertura era de telha (tegula e imbrex) e, pelo menos num caso, remataria num pronunciado beiral de ardósia, constituído por peças trapezoidais.

Destacamos neste sector uma casa no entroncamento do eixo viário principal com um secundário, que volta para ambas, fazendo esquina, um compartimento dedicado a actividades metalúrgicas, fechado por painéis amovíveis, próprios para

encaixar nas ranhuras dos blocos/soleira que substituem a parede, permitindo assim uma fácil abertura da oficina/loja ao espaço público. No interior há uma estrutura para fogo e grande quantidade de resíduos produzidos pelo trabalho do metal, ferroso, que repousam sobre o chão, parte em saibro e parte lajeado, no qual recolhemos três antoninianos de Cláudio II, que apontam para uma datação a partir dos anos setenta do séc. III.

Na mesma rua secundária existe, diante da anterior, na área de outra habitação e voltada ao que parece ser um pátio, uma estrutura pétreo circular de construção robusta, que recentes escavações num outro sector do povoado nos levam a interpretar, por analogia, como um forno de pão, com embasamento maciço e lastro sobrelevado.

O espólio remanescente destas primeiras escavações, publicado em 1984, com diversificada cerâmica comum tardo-romana, inclui: um fragmento de prateira com o interior do fundo estampado, em TSA D, estilo A; uma fíbula de besta (Ettlinger 57); uma placa de cinturo «hispânico» tipo Cabriana, de uso castrense, com círculos estampados, vulgar no Noroeste. São achados perfeitamente compatíveis com os numismas avulsos e tesouros do séc. IV, dois deles encontrados dentro de casas, enterrados em vasilhas cerâmicas, que reúnem emissões até Arcádio. Devemos aproximar a estes os conjuntos de moedas descobertos ao limpar o troço da via lajeada dentro da primeira muralha, em 1976. São quatro grupos de moedas datadas de 261 a 351-4, quase sem usura, talvez resto de tesouros aqui escondidos, até meados do séc. IV, por residentes da área mais baixa, que não poderiam ignorar as ruínas abandonadas (manancial de pedra aparelhada) da coroa do Castro.

Durante os trabalhos levados a cabo em 2004, na mesma pendente mas a cota inferior, foi encontrado mais um tesouro monetário dentro de um vaso, junto de habitações, desta feita com milhar e meio de moedas. As mais recentes são AE 4 de Teodósio II, que levam a uma ocultação da segunda metade do século V (em estudo). Próximo deste ponto, foi escavado um interessante poço de sarilho para abastecimento de água. Alguns metros abaixo, as últimas campanhas depararam com o conjunto edificado onde se agregam espaços de armazenamento de cereal e forno de pão tardios, os quais suscitaram a intervenção de arqueobotânica em curso. No exterior da muralha periférica fica a área da necrópole, sensivelmente coincidente do séc. I ao IV. Porém, os enterramentos tardo-romanos são de inumação, alguns bem estruturados e singulares pela sugestiva forma de comunicação com o defunto nos posteriores momentos de culto.

Esta reanimação do Castro, a partir de meados do séc. III, decorre em simultâneo com uma intensa implantação no *ager*, que vimos começar duas centúrias antes, dispersão de formas de habitar mais conhecidas pelas quase três dezenas de cemitérios, abundantes em inumações contendo espólio (alguns intervencionados e publicados), muitos certamente pertencentes a aldeias. Além destas intuídas comunidades rústicas (nenhuma escavada), temos a Bouça do Ouro, onde um dos edifícios foi remodelado no séc. III, mostrando novos compartimentos quadrangulares alinhados, construídos com um aparelho de pequenas pedras quadrangulares colocadas em fiada regular. A presença de um prato de TSF (Hayes 3C) indica ainda ter sido habitado na segunda metade do séc. V. Não muito longe, o balneário medicinal de S. Vicente do Pinheiro mostra o mesmo aparelho e espólio tardio. No norte do município, sobre o caminho para a ponte romana de Canaveses, na Suvidade de Recezinhos, um antigo castro baixo, também recolhemos um fragmento da forma Hayes 3 foceense. Nas terras baixas da encosta do vale do Sousa, o casal (?) de Santa Luzia deu, entre outros materiais tardios, grandes dólios com decoração estampada e uma taça de TSA E Hayes 70, da segunda metade do séc. IV/primeira do V. No extremo sul, sobre a confluência Tâmega-Douro, no Coto da Cividade de Eja, anteriores prospeções depararam com cerâmicas baixo-imperiais e as escavações em curso com fragmentos de ânfora norte-africana e de *terra sigillata* foceense. Há ain-

da antigos achados de tesouros de pequenos bronzes associados a estes sítios e uma grande falta de informação sobre as indispensáveis vias, sucessivamente renovadas e com novos miliários em outros pontos da bracarense.

No computo geral, a imagem que nos fica para a época tardo-romana é de uma paisagem intensamente antropizada, com profundas alterações sedimentadas na longa diacronia do período imperial, não sendo fácil avaliar as razões da retoma do Castro nos tempos conturbados do séc. III, em que também existem muitos povoados abertos, num quadro sem quebras significativas na materialidade galai-co-romano captada pela arqueologia até ao último quartel do séc. IV e início do seguinte. Depois, a informação escasseia (difícil de isolar?), mas sítios de diferentes tipologias prevalecem pelo menos durante o séc. V. Assim sucede com o Castro de Monte Mozinho, próximo do eixo nevrálgico Braga/Porto. Não sabemos se houve reconfiguração das muralhas ou qual a extensão habitada, quem e como vivia, mas não deixa de ser tentador relacionar o último tesouro descoberto com a rotina de instabilidade, dos tratados feitos e breve quebrados entre Suevos e habitantes da *Gallaecia*, e em particular com as ondas de choque da campanha punitiva do godo Teodorico II contra Requiário, em 456, a mando do imperador Avito, que redundou no humilhante saqueio de *Bracara* e subsequente captura do rei suevo refugiado em *Portus Cale*.

## ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARA O MOZINHO TARDO-ROMANO

- ALMEIDA, Carlos Alberto F. de - Arqueoloxía tardorromana e germánica no NW peninsular. In *Galicia: da romanidade á xermanización*. Santiago de Compostela, 1992, p. 191-200.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Penafiel, 1974.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Escavações no Monte Mozinho II. 1975-1976*. Penafiel, 1977.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; LOPES, Francisco Gaspar Almeida - Eja (Entre-os-Rios). A Civitas e a igreja de S. Miguel. *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 2/3 (1981-82), p. 131-140.
- AURRECOECHEA FERNÁNDEZ, Joaquín - Origen, difusión y tipología de los broches de cinturón en la Hispania tardorromana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid, vol. 72 (1999), p. 167-197.
- CARVALHO, Teresa Pires de; QUEIROGA, Francisco - O Castro do Mozinho: os últimos trabalhos desenvolvidos. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 11 (2005), p. 121-153.
- DÍAZ, Pabol C. - *El reino suevo (411-585)*. Madrid: Akal, (reimpressão) 2013.
- DÍAZ, Pabol C. - La organización del espacio y el control del territorio en la Gallaecia germánica. In PEREIRA MENAUT, Gerardo; PORTELA SILVA, Ermelindo (Ed.) - *El territorio en la historia de Galicia: organización y control, siglos I-XXI*. Santiago de Compostela, 2015, p. 37-95.
- FERREIRA, Henrique - *Um tesouro monetário baixo-imperial do Castro de Monte Mozinho*. Porto:FLUP, 2017 (diss. de mestrado em conclusão).
- LIRA, Sérgio - Um tesouro monetário romano do Monte Mozinho. *Nvmmvs*. Porto. 2ª série, vol. 7/8 (1984/1985), p. 59-75.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge - El final de la Antigüedad en la Gallaecia. La transformación de las estructuras de poblamiento entre Miño y Duero (siglos V al X). Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004.
- PEREIRA, Isabel - Achados monetários de Monte Mozinho, Penafiel. *Conimbriga*. Coimbra, vol. 13 (1974), p. 75 - 165.
- SOEIRO, Teresa - Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel. 3ª série, vol. 1 (1984), p. 5-323.
- SOEIRO, Teresa - *Monte Mozinho. Sítio arqueológico*. Penafiel, 2ª ed., 2005.
- SOEIRO, Teresa (coord.) - Monte Mozinho. 25 anos de trabalhos arqueológicos. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2 (1998).
- SOEIRO, Teresa - Monte Mozinho: a recuperação do sector B. *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 21/22 (2000-2001), p. 103-136.
- SOEIRO, Teresa - Necrópole romana de Monteiras (Bustelo-Penafiel). *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 12/13 (2009-10), p. 5-221.
- SOEIRO, Teresa - A preferência pela inumação nas necrópoles romanas dos sécs. III - IV d. C. do Município de Penafiel (Norte de Portugal). *Arqueologia de transição: o mundo funerário*. UÉvora, 2015, p. 159-174.
- SOUSA, Elísio Ferreira de - Relatório das escavações levadas a efeito no Monte Mozinho. *Douro Litoral*. Porto. 6 série, vol. 5/6 (1954), p. 136-149.
- TERESO, J. P. e outros - Crops and fodder: evidence for storage and processing activities in a functional area at the roman settlement of Monte Mozinho (northern Portugal) *Vegetation History and Archeobotany*. Berlin/Heidelberg, vol. 22 (2013), p. 479-492.



Fig. 1. Castro de Monte Mozinho (Oldrões e Galegos, Penafiel)  
(Museu Municipal de Penafiel, Fot. Penaguião & Burnay)



Fig. 2. Castro de Monte Mozinho: área escavada de 1974 a 1998  
(Museu Municipal de Penafiel, Fot. Penaguião & Burnay)

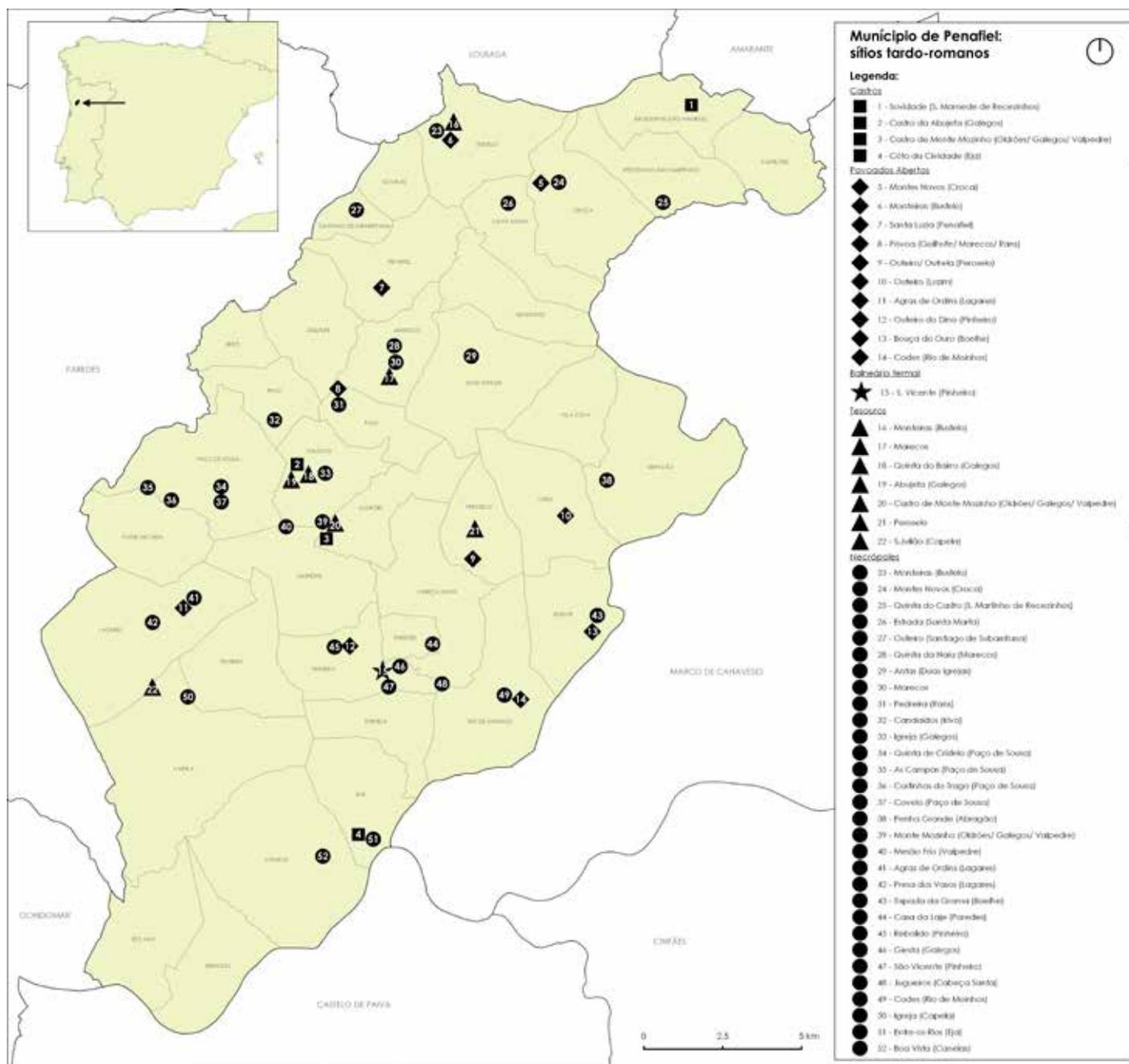


Fig. 3. Município de Penafiel: sítios arqueológicos tardo-romanos (Câmara Municipal de Penafiel: Museu Municipal e Divisão de Projetos de Arquitetura e Ordenamento do Território)